

FICHA TÉCNICA

Título original: *Luckiest Girl Alive*

Autora: *Jessica Knoll*

Copyright © 2015 by Jessica Knoll

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com Simon & Schuster, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria de Almeida*

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Lauren Burke @ gettyimages*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2017

Depósito legal n.º 425 012/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

A todas as TifAnis FaNelli do mundo.

Eu sei como é.

CAPÍTULO 1

Examinei atentamente a faca que tinha na mão.

— Essa é a *shun*. Está a ver como é leve quando comparada com a *wüsthof*?

Piquei o dedo com a pontinha da faca, a testá-la. O cabo deveria ser resistente à humidade, mas já o sentia humedecido na minha mão.

— Acho que esse modelo é mais indicado para uma pessoa da sua estatura.

Ergui os olhos para o vendedor, preparando-me para ouvir a palavra que as pessoas usam sempre para descrever as raparigas baixas, quando tudo o que elas querem ouvir é «magra».

— Franzina — disse ele, sorrindo, como se eu devesse agradecer-lhe.

Esbelta, elegante, graciosa... Elogios desses, sim, teriam conseguido deixar-me mais mansinha.

Outra mão, com uma pele bastante mais clara do que a minha, apareceu em cena, fazendo menção de pegar no cabo.

— Posso?

Ergui os olhos também para ele; era o meu noivo. Esta era uma palavra que não me incomodava tanto quanto a outra que se seguiria: marido. Essa já apertava mais o espartilho, esmagava-me os órgãos e fazia o pânico surgir na minha garganta ao ritmo frenético que teria um pedido de auxílio. Eu podia decidir não largar a faca. Podia enfiar silenciosamente a lâmina de níquel e aço inoxidável (decidi que gostava mais da *shun*) pela barriga dele adentro. O vendedor, provavelmente, emitiria apenas um simples «oh!» muito

digno. A mãe que trazia ao colo o bebé cheio de ranho é que havia de fazer um grande estardalhaço. Via-se perfeitamente que a habitava uma daquelas típicas misturas explosivas de aborrecimento e dramatismo e que, lavada em lágrimas, teria todo o gosto em narrar o *ataque* aos jornalistas que, mais tarde, acorreriam ao local. Passei-lhe a faca antes que a minha mão se retesasse, antes que eu pudesse investir, antes que cada músculo do meu corpo, sempre em alerta máximo, se contraísse como se estivesse em piloto automático.

— Estou entusiasmado — disse o Luke enquanto saíamos da Williams-Sonoma, na Rua 59, deixando uma lufada de ar condicionado gelado a pairar no nosso encaço. — E tu?

— Adoro aqueles copos de vinho tinto.

Entrelacei os meus dedos nos dele para lhe mostrar como estava a ser sincera. A ideia dos «conjuntos» é que eu não conseguia suportar. Inevitavelmente, íamos acabar com seis pratos para pão, quatro pratos para salada e oito pratos rasos grandes e nunca conseguiria completar a família de porcelana. As peças iam amuar na mesa da cozinha, com o Luke a oferecer-se sempre para as guardar e eu a responder, irritada, «ainda não», até que um dia, muito depois do casamento, eu teria uma inspiração súbita e desvairada e iria apanhar o metro que me levaria à alta da cidade, onde entraria de rompante na Williams-Sonoma como uma intrépida Martha Stewart, para acabar por descobrir que o padrão *Louvre* que tínhamos escolhido há tantos anos já tinha sido descontinuado.

— Que tal irmos comer uma piza?

O Luke riu-se e apertou-me de lado.

— Aonde é que tudo acaba sempre, afinal?

A minha mão ficou rígida na dele.

— Acho que é do exercício todo que fizemos. Estou a morrer de fome. — Era mentira. Ainda estava enjoada por causa da sandes enorme que comera ao almoço, com a carne quase crua e tão recheada como um convite de casamento. — Vamos ao Patsy's? — Tentei proferir o nome como se tivesse acabado de me surgir a ideia, quando, na verdade, tinha estado a sonhar com uma fatia de piza do Patsy's, com os seus fios de queijo branco a distenderem-se, sem chegarem

a quebrar, obrigando-me a apertá-los entre os dedos e a puxar por eles, acabando por arrebatá-los um bônus de mozzarella da fatia de outra pessoa. Era um sonho obscuro que estava a passar incessantemente no meu cérebro desde a quinta-feira anterior, quando decidimos que, no domingo, iríamos finalmente tratar do registo. («As pessoas já começaram a fazer perguntas, Tif.» «Eu sei, Mãe, vamos tratar disso.» «Ainda faltam cinco meses para o casamento!»)

— Não tenho fome — comentou o Luke, erguendo os ombros —, mas, se queres muito...

Tão querido!

Continuámos de mãos dadas enquanto atravessávamos a Avenida Lexington, evitando os magotes de mulheres de pernas fortes que, envergando calções brancos e sapatos confortáveis, levavam consigo os tesouros que a Victoria's Secret da 5.^a Avenida tinha e que não havia na loja do Minnesota; era um exército de raparigas de Long Island, com tiras de sandálias romanas enroladas pelas barrigas das pernas suaves acima como trepadeiras de cabedal subindo pelos troncos das árvores. Olharam para o Luke. Olharam para mim. Não se interrogaram. Esforcei-me seriamente por arranjar uma rival à altura, uma verdadeira Carolyn para combinar com ele, que era um verdadeiro JFK Júnior. Virámos à esquerda, na direção da Rua 60, antes de cortarmos novamente à direita. Eram apenas 17 horas quando atravessámos a 3.^a Avenida e deparámos com as mesas do restaurante postas, mas vazias. Os nova-iorquinos divertidos ainda estavam a acabar o pequeno-almoço tardio. Antigamente, eu também era assim.

— Na esplanada? — perguntou a chefe de sala. Anuímos com a cabeça e ela retirou duas ementas de uma mesa vazia, fazendo-nos sinal para que a seguíssemos.

— Pode trazer-me um copo de *montepulciano*? — A chefe de sala ergueu as sobrancelhas, indignada, e percebi perfeitamente o que ela estava a pensar: «Isso é da responsabilidade do empregado de mesa.» Porém, limitei-me a sorrir para ela com simpatia: «Está a ver como eu sou simpática? Você não está a ser nada razoável, pois não? Devia ter vergonha!»

Ela dirigiu o suspiro ao Luke.

— E o senhor?

— Só água. — Quando ela se afastou, o Luke acrescentou:
— Não sei como é que consegues beber vinho tinto com este calor.
Encolhi os ombros.

— O branco não vai bem com a piza.

Esse estava reservado para as noites em que me sentia leve e bonita. Aquelas alturas em que conseguia ignorar os pratos de massa da ementa. Uma vez, escrevi uma dica na *The Women's Magazine*: «Um estudo revelou que o ato de fechar fisicamente uma ementa assim que decidimos o que queremos pedir deixa-nos mais satisfeitas com a nossa escolha. Por isso, escolha a solha grelhada e feche a ementa, antes que os seus olhos comecem a fazer-se ao *penne alla vodka*.» A LoLo, a minha chefe, sublinhara a expressão «olhos comecem a fazer-se» e escrevera: «Hilariante.» Meu Deus, como eu odeio solha grelhada!

— Então, o que é que ainda nos falta fazer? — O Luke reclinou-se na cadeira, pondo as mãos atrás da cabeça como se estivesse prestes a fazer abdominais, sem se aperceber de que as palavras que acabara de proferir desencadeariam uma batalha. O veneno começou a humedecer-me os olhos castanhos e apressei-me a pestanejar para o manter ao largo.

— Muita coisa. — Fui contando pelos dedos. — A papelada toda, que inclui convites, ementas, programas, marcadores dos lugares e tudo o resto. Tenho de arranjar alguém para me tratar do cabelo e da maquilhagem e descobrir um vestido de dama de honor para a Nell e as outras raparigas. Além disso, temos de voltar a falar com a agência de viagens, porque não me apetece mesmo nada ir para o Dubai, sabes? — Ergui as mãos antes que o Luke pudesse dizer alguma coisa. — Não podemos passar aquele tempo todo nas Maldivas. Tanto tempo estendidos na praia... uma pessoa passa-se. Se calhar podíamos ir alguns dias a Londres ou a Paris, depois?

O rosto do Luke denotava concentração quando anuíu com um aceno. Tinha sardas no nariz o ano inteiro, mas, em meados de maio, já se tinham espalhado para as têmeoras, onde permaneceriam até ao Dia de Ação de Graças. Era o quarto verão que passava com ele e todos os anos via toda a atividade saudável e benéfica ao ar livre — correr, surfar, praticar golfe e *kitesurf* — a

multiplicar os salpicos dourados no nariz dele como se fossem células cancerígenas. Conseguiu levar-me com ele para isso durante algum tempo, para aquela dedicação repulsiva ao movimento, às endorfinas, para aproveitar os dias. Nem uma ressaca era capaz de deixar mácula naquele vigor sadio. Costumava pôr o alarme para as 13 horas aos sábados, o que o Luke considerava adorável. «És tão pequenina e precisas de dormir tanto», dizia ele enquanto me acordava carinhosamente à tarde. «Pequena» é outra descrição do meu corpo que detesto. O que é que terei de fazer para alguém me chamar «magra»?

Acabei por lhe explicar um dia. Não se trata de precisar de uma quantidade despropositada de horas de sono; a questão é que não durmo quando ele pensa que estou a dormir. Nunca consegui imaginar-me num estado inconsciente enquanto todas as outras pessoas também se deixam afundar. Só sou capaz de dormir — de dormir a sério e não de fazer aquele descanso contrariado com que aprendi a viver durante a semana — quando o sol se reflete na Freedom Tower e me obriga a ir para o outro lado da cama, quando ouço o Luke a fazer barulho na cozinha, a preparar as suas omeletas só com claras, e os vizinhos do lado se põem a discutir sobre qual é que levou o lixo à rua da última vez. Lembretes banais e quotidianos de que a vida é tão aborrecida que não pode, de forma alguma, aterrorizar ninguém. Quando sinto essa atividade enfadonha, *então* é que consigo dormir.

— Devíamos tentar fazer uma coisa por dia — concluiu o Luke.

— Luke, eu faço três coisas por dia. — A minha voz saiu num tom irritadiço que eu pretendia ocultar. Também não tinha direito a ficar irritada. A realidade era que *devia* fazer três coisas por dia, mas, em vez disso, ficava paralisada à frente do computador, a culpabilizar-me por não fazer três coisas por dia como tinha prometido a mim própria que faria. Já cheguei à conclusão de que isso consome mais tempo e gera mais *stress* do que se, de facto, fizesse as tais três coisas por dia e, portanto, tenho o direito de me enfurecer.

Pensei na única coisa que estava efetivamente controlada.

— Sabes ao menos a quantidade de vezes que já tive de falar com a pessoa que está a tratar dos convites?

Sobrecarregara a senhora da papelaria (uma amostra de asiática cujo temperamento nervoso me irritava) com uma série de perguntas: vamos parecer sovinas se optarmos pela impressão tipográfica para os convites, mas não para os cartões de resposta? Alguém vai reparar se usarmos um calígrafo para escrever as moradas no envelope, mas mandarmos imprimir os convites? Tinha um medo terrível de tomar alguma decisão que me expusesse. Estou em Nova Iorque há seis anos e tem sido como tirar um mestrado em «parecer endinheirada sem esforço»; só que agora rodeada pela aura da baixa da cidade. No primeiro semestre, aprendi que as sandálias Jack Rogers, tão reverenciadas na faculdade, anunciavam a todos que «a minha pequena escola de belas artes liberal será sempre o centro do universo!». Tinha descoberto um caminho novo e por isso lá foram todos os meus pares de sandálias dourados, prateados e brancos para o lixo. O mesmo se passou com as malinhas da Coach (nojentas). Depois, apercebi-me de que a Kleinfeld, que sempre me parecera uma clássica e glamorosa instituição nova-iorquina, era, afinal, uma fábrica de vestidos de noiva pirosos, frequentada apenas por habitantes dos subúrbios (chamados B & Ts¹, algo cujo significado também aprendi). Optei por uma pequena boutique no bairro Meatpacking, cuidadosamente recheada com Marchesa, Reem Acra e Carolina Herrera. E aquelas discotecas escuras e apinhadas de gente, guardadas por porteiros musculados e cordões vermelhos, vibrando furiosamente ao som de Tiësto e ao ritmo das ancas ondulantes? Não é assim que uma rapariga cidadina que se preze passa as suas noites de sexta-feira. Não: em vez disso, pagamos 16 dólares por um prato de endívias, que empurramos pela garganta abaixo com a ajuda de vodca com gasosa num *pub* de reputação duvidosa em East Village, de pés enfiados em botas Rag & Bone que parecem compradas na feira mas custam 495 dólares.

¹ «B & Ts»: abreviatura de *bridge and tunnelers*. À letra, refere aqueles que passam pelas pontes e pelos túneis. Coloquialismo utilizado para designar as pessoas que vivem fora de Manhattan mas têm de se deslocar para lá todos os dias. (NT)

Foram precisos seis lentos anos para chegar à situação em que me encontro agora: noiva de um financeiro, a tratar pelo primeiro nome a chefe de sala do restaurante Locanda Verde, com uma mala *Chloé* da nova coleção pendurada no braço (não é nenhuma *Céline*, mas, pelo menos, já sabia que não podia andar a passear-me com uma *Louis Vuitton* monstruosa como se fosse a oitava maravilha do mundo). Tive muito tempo para aperfeiçoar a minha arte. Porém, planear um casamento é algo que exige uma curva de aprendizagem muito mais acentuada. Uma pessoa fica noiva em novembro e depois só tem um mês para estudar os materiais, descobrir que o celeiro de Blue Hill — onde tinha pensado casar — já está *fora* e que agora o que está a dar são antigos bancos transformados que cobram uma comissão de 20 000 dólares só pela utilização do espaço. Temos dois meses para vasculhar revistas e blogues de casamentos, consultar os colegas homossexuais na *The Women's Magazine* e descobrir que os vestidos de noiva sem alças são ofensivamente burgueses. E, a três meses do evento, ainda temos de encontrar um fotógrafo que não tenha no seu portfólio nenhuma noiva com cara de pato (o que é muito mais difícil do que parece), vestidos para as damas de honor que não se pareçam minimamente com vestidos para damas de honor e ainda uma florista que consiga arranjar anémons-do-japão fora de época, porque, sinceramente, quem é que quer peónias? Não é coisa para amadores! Um passo em falso e toda a gente vai conseguir ver o que está por detrás do nosso bronzeado cuidadosamente aplicado com um pulverizador e descobrir que não passamos de uma rapariga vulgar oriunda de uma família italiana da classe média-baixa que não tem educação para saber que se deve passar o sal e a pimenta em conjunto, mesmo que só nos peçam um deles. Pensava eu que, tendo chegado aos 28 anos, poderia parar de tentar provar que mereço ter chegado aonde cheguei e viver tranquilamente. Porém, esta luta torna-se cada vez mais cruel a cada ano que passa.

— E ainda não me arranjaste as moradas dos teus convidados, para enviarmos ao calígrafo — disse eu, embora, secretamente, tivesse ficado aliviada por ficar com mais tempo para torturar a senhora agitada que estava encarregada dos convites.

— Estou a trabalhar nisso — retorquiu o Luke, soltando um suspiro.

— Os convites não vão estar prontos para serem enviados na data que queríamos se não me arranjares as moradas esta semana. Ando a pedir-te isso há um mês.

— Tenho tido o que fazer!

— E achas que eu não?

Discussõezinhas da treta... São tão piores do que uma briga a sério com pratos partidos, não são? Pelo menos, depois de uma dessas discussões a valer, sempre se pode fazer sexo no chão da cozinha, ficando com as costas todas marcadas por causa dos cacós dos pratos com entrançado *Louvre*. Não há homem nenhum que se sinta compelido a arrancar-nos as roupas depois de o informarmos, irritadíssimas, de que deixou uma poia solitária a boiar na sanita.

Cerrei os punhos e depois distendi os dedos o mais que pude, como se isso me ajudasse a expelir a raiva como uma teia do Homem-Aranha. «Diz lá, vá.»

— Desculpa — admiti, garantindo a minha sinceridade com o suspiro mais patético que consegui soltar. — É que estou mesmo muito cansada.

Uma mão invisível passou pelo rosto do Luke, afastando toda a frustração que ele estava a sentir.

— Porque não vais ao médico? Acho que devias tomar um ansiolítico, ou assim.

Anuí com a cabeça, fingindo que ia pensar nisso, mas comprimidos para dormir são simplesmente vulnerabilidade em doses individuais. Do que eu precisava mesmo era de recuperar os dois primeiros anos do meu relacionamento, aquele breve indulto em que, enquanto jazia entrançada entre os membros do Luke, a noite ia fugindo e eu não sentia necessidade de correr atrás dela. Das poucas vezes em que acordara sobressaltada, vira que, mesmo a dormir, a boca do Luke estava permanentemente curvada para cima. A sua boa disposição era como o *spray* contra insetos que aplicávamos na casa de verão dos pais dele em Nantucket: tão forte que afastava o terror, aquela sensação, aquela omnipresença assustadoramente calma que prenunciava uma desgraça prestes a acontecer. Porém,

algures pelo caminho (bem, para ser sincera, mais ou menos na altura em que ficámos noivos, há oito meses) as insónias regressaram. Comecei a empurrar o Luke para o tirar de cima de mim quando tentava acordar-me para irmos correr para a Ponte de Brooklyn aos sábados de manhã, algo que tínhamos feito quase todos os sábados nos últimos três anos. O Luke não é nenhum cachorrinho apaixonado e patético, e percebeu o retrocesso, mas, espantosamente, isso só fez com que se dedicasse ainda mais a mim. É como se ele tivesse assumido o desafio de me transformar novamente naquilo que eu já fui.

Não sou nenhuma heroína destemida, que declara ignorar a sua beleza silenciosa e o seu charme excêntrico, mas houve uma altura em que, de facto, me interroguei sobre o que o Luke veria em mim. Sou bonita (é algo que me sai do pelo, mas a matéria-prima está cá). Sou quatro anos mais nova do que o Luke (o que não é tão bom como uma diferença de oito, mas, ainda assim, já é alguma coisa). E gosto de fazer coisas «estranhas» na cama. Embora eu e o Luke tenhamos definições muito diferentes do que é «estranho» (ele: de gatas e a puxar-me o cabelo; eu: choques elétricos na minha ratinha com uma mordada na boca para abafar os gritos), de acordo com os padrões dele, temos uma vida sexual bizarra e gratificante. Por isso, sim, tenho consciência suficiente do meu valor para reconhecer aquilo que o Luke vê em mim, mas o centro da cidade está pejado de bares a abarrotar de miúdas como eu, mulheres ideais doces e louras naturais que, num piscar de olhos, se colocariam de gatas e agitariam os seus rabos de cavalo para o Luke. Uma tal mulher cresceu provavelmente numa casa de tijolo vermelho e persianas brancas nas janelas, uma casa que não engana ninguém com um revestimento manhoso nas traseiras, como a minha. Contudo, uma mulher dessas nunca conseguiria dar ao Luke aquilo que eu lhe dou: uma pitada de risco. Cheia de ferrugem e bactérias, sou a lâmina que toca ao de leve nas costuras perfeitas da vida de estrela de futebol americano que o Luke leva, ameaçando rasgá-la. E ele gosta dessa ameaça, da possibilidade que a minha perigosidade representa. Porém, sei que ele não quer, na verdade, ver do que sou capaz, testemunhar os rasgões que consigo fazer. Passei a

maior parte do nosso relacionamento a raspar a superfície, a testar a pressão, a tentar perceber até onde posso ir sem fazer verter sangue. Estou a ficar cansada.

A nossa querida chefe de sala pespegou desleixadamente um copo à minha frente. O líquido rubi ultrapassou a berma do copo e fez uma poça em torno da base como a resultante de um ferimento de bala.

— Aqui tem! — chilreou ela, presenteando-me com aquilo que me pareceu ser o seu sorriso mais desagradável, mas que nem sequer chegaria a figurar na minha escala.

E foi então que a cortina subiu e os focos de luz começaram a aquecer: estava na hora de começar o espetáculo.

— Oh, não — arquejei. Toquei com o dedo na linha que separa os meus dois dentes da frente olhando para ela. — Grande pedaço de espinafre. Mesmo aqui.

A chefe de sala tapou rapidamente a boca com a mão e enrubesceu do pescoço para cima.

— Obrigada — murmurou e foi-se embora apressadamente.

Os olhos do Luke eram orbes azuis confusos sob o preguiçoso sol do entardecer.

— Ela não tinha nada nos dentes.

Levei algum tempo a inclinar-me sobre a mesa e a sorver o vinho da borda para poupar as minhas calças de ganga brancas. Que ninguém se meta com uma cabra branca rica com calças de ganga brancas.

— Não, nos dentes não tinha nada. Mas, enfiado no traseiro... olha que não sei...

As gargalhadas do Luke foram como uma ovação de pé. Ele abanou a cabeça, impressionado.

— Tu consegues ser mesmo mazinha. Sabes isso, não sabes?

— A florista vai querer cobrar-te à hora a limpeza do dia seguinte. Tens de negociar um valor fixo para ficar escrito no contrato.

Segunda-feira de manhã. Mas é claro que tinha de apanhar o elevador com a Eleanor Tuckerman, Podalski de solteira, editora

como eu da *The Women's Magazine*, que, quando não estava a sugar o meu talento das nove às cinco, se assumia como uma autoridade em tudo o que tinha a ver com casamentos e etiqueta. A Eleanor casou-se há um ano e continua a falar do casamento com o mesmo tipo de reverência sóbria que usamos para falar do 11 de Setembro ou da morte do Steve Jobs. Imagino que continuará a ser assim até engravidar e parir o nosso próximo tesouro nacional.

— A sério? — pontuei as minhas palavras com um arquejozinho horrorizado.

A Eleanor é coordenadora editorial, alguém a quem eu tenho de prestar contas e é quatro anos mais velha do que eu. Preciso de que ela goste de mim, mas isso não é uma tarefa difícil. Todas as mulheres como ela só querem que lhes abramos muito uns olhos inocentes como os do Bambi, e lhes imploremos que se dignem partilhar a sua sabedoria connosco.

A Eleanor anuiu com a cabeça, assumindo um tom gravemente sério.

— Vou enviar-te o meu contrato por *e-mail* para veres como é que se faz.

«E para veres quanto gastámos» foi o que ela não acrescentou, apesar de ser esse o objetivo principal.

— Isso era ótimo, Eleanor — disse eu, entusiasticamente, exibindo os meus dentes branqueados recentemente. O tinido das portas do elevador anunciou a minha libertação.

— Bom dia para *si*, Menina FaNelli — cumprimentou o Clifford pestanejando, em jeito de *flirt*.

A Eleanor não teve direito a nada. O Clifford é o rececionista da *The Women's Magazine* há 21 anos e tem vários motivos absurdos para odiar a maior parte das pessoas que por ele passam todos os dias. O crime da Eleanor é ser horrível, mas também é por causa daquela vez em que alguém enviou um *e-mail* a dizer que havia bolachinhas na copa. O Clifford não podia deixar os telefones sozinhos, e por isso reencaminhou-o para a Eleanor, pedindo-lhe que lhe levasse uma juntamente com um café com leite suficiente para ficar da cor de um camelo. Por azar, a Eleanor estava numa reunião e, quando leu o *e-mail*, as bolachinhas já tinham desaparecido todas.